

Director-Proprietario, Editor
Ferreira da Silva
 Redacção, administração,
 composição e impressão
 Rua do Alportel, 23 a 27

ALGARVE

O ALGARVE É O JOR-
 NAL QUE A TODOS
 INTERESSA

BOM EXITO.

CARTA DE LISBOA

O frio, a sorte grande e o resto... O frio tem sido por cá bem mais rigoroso que nos últimos invernos.

Este funesto ano, que acabou, quiz coroar a sua sahida com esta ultima calamidade que é um flagelo para os desgraçados que não tem trabalho nem tem pão.

Se não fosse este esplendido sol quente que nos alumia e a proximidade abençoada d'essa corrente submarina de agua quente que se chama o *gulf stream*, quantas pessoas morreriam derrubadas por uma temperatura inclemente?

Não se imagina a quantidade de gente que mendiga, aqui em Lisboa. Creio que essa é ainda a que não está no ultimo degrau da penuria e da fome.

A que não tem coragem ou se envergonha de estender a mão á esmola, essa deve passar o maior martirio. O governo devia gastar uns centos de contos para fazer entregar aos pobres todas as roupas de agasalho, que estão empenhadas ali por essas casas de prego e procurar organizar, por um inquerito serio, a lista dos desgraçados que precisam de socorro urgente.

Porque a atmosfera torna-se cada vez mais densa e propicia ás empresas dos especuladores políticos, que andam na sombra a tramar a sua vingança.

Do descomposto, das privações e da fome, só sahe desespero e revolta gerando um ambiente onde os pescadores de aguas turvas da politica encontram facilmente credito e colaboradores.

O governo sabe-o e tem os olhos abertos e os braços de prevenção. Mas conquistaria muito de esperado se pudesse desarmar, os pelo socorro e pela assistência.

A sorte grande é uma coisa que sahe aos outros. A espanhola sahio ao Estado para provar que o acaso continua a ser Republicano na terra do Cid, do D. Quichote, de Joana, a Doída, do Gil Braz de Santillana, do Demonio do Mejo Dia, do Sancho Pansa, dos Cavaleiros de Triste Figura, dos malucos coroados, de lendarios heroes de facciosos moralistas, imortalizados no correr do tempo.

O acaso e o Afonso Duzia foram as duas forças geradoras do novo regimen, que eu continuo a saudar com a maior sinceridade n'este começo de ano dando mais um entusiastico: Viva a Republica Espanhola!

Com os sessenta milhões de pesetas *dél gordo*, para as quais por certas circunstancias, que não vem para o caso, eu tive de concorrer com dez d'essas valiosas moedas, no que, deixem-me desabafar, me sinto positivamente roubado, vai o sr. Carner, ministro da fazenda e catalão de boa raça, *atenuar o deficit* orçamental, o qual *deficit*, apesar de todas as reformas, de todas as restricções e discussões praticadas no ministerio da guerra e nos outros, não morrerá d'esta machadada, sendo muito possível que no ano que vem apareça mais gordo e anafado depois do barrete democratico, se o governo não continuar a ser contemplado com o referido *gordo*. Quem sabe lá se o governo, tormando gosto á talada, não arranjará meio, honesto já se vê, de ser contemplado todos os anos?

A nossa lotaria é que d'esta vez realizou mais uma obra generosa e simpatica, bem distinta da lotaria hespanhola, distribuindo os seus seis mil milhões entre gente pobre. De resto a organização da nossa lotaria honra os nossos sentimentos de humanidade, os sentimentos aos quais os homens, que julgam a caridade deprimidamente, porque são maçons ou ateus, usam chamas de solidriedade humana, que em geral flux transferem em solidriedade

de exigua e seclaria, e que, por esse facto, é bem diversa daquela do Evangelho definido n'esta frase de ampla generosidade divina: A mão esquerda deve ignorar a esmola que a mão direita dá.

Se jogar é vicio, o nosso jogo official resgata-o pela admiravel assistência que presta aos desgraçados, ás creanças e aos doentes.

É bem diferente de entregar aos politicos o dinheiro que tantos milhões de pessoas, a maioria com sacrificio, entregaram na miragem fagueira, consoladora e deslambrente, de uma fortuna ou um bem estar que só por essa forma é possível.

Sessenta milhões de pesetas que n'estes tempos de crise, de falta de trabalho e de fome, podiam e deviam servir para minorar a sorte dos infelizes.

Pensemos d'aqui por diante, antes de entregar o dinheiro á essa organização, que ha um *ponto*, que, sem dispender sequer um *chavo* galego, está habilitado a levar o *bolo* para o entregar á *democracia* dos que não precisam de pensar se amanhã terão recursos para não morrer de fome, como succede a tantos que concorrem para esses milhões.

O resto... Mas o resto é o que os meus leitores já sabem—o trabalho dos *revivalistas* para derrubar a situação e realarem ás suas *generosas* aspirações.

O governo sabe o que se passa por intermedio dos seus meios de informação, os quais são um dos temas de acusação dos que se vêem a todo o passo descobertos. E essa acusação visa especialmente o custo d'esses meios informativos, como se não fosse um dinheiro bem empregado o que se dispense para se conservar um socego necessario e honroso para um paz internacionalmente desacreditado e interiormente arruinado pelos atentados, pela anarquia e pela desordem.

Os *deportados*. O governo acaba de dar ordem para que sejam conduzidos á Metropole varios cidadãos mandados para as colonias pela sua agitação politica contra a ditadura. É uma resposta aos maneios subterraneos dos politicos banidos do poder que querem realisar o *revraltho*.

Não se sabe, eu não o sei, o que os cidadãos restituídos á metropole pensarão d'esse acto de ditadura, o que todos nós vemos, porém, é que eles telegrafaram ás familias por intermedio dos jornais declarando-se todos de boa saúde, o que sinceramente me regosija, pois, não costumo ter odios politicos seja contra quem for. D'ahi se pode concluir que não foram desusadas as suas condições de vida nas colonias em cuja residência temporaria devem ter aprendido a amar com melhor patriotismo o torão portuguez continental e a pensar que a ditadura não é tão má como eles dizem. Isto, já se vê, tudo no espirito, porque no exterior, pequenas palavras, senão mesmo nos atos, por coherencia, por uma especie de respeito por si proprios, a grande maioria não se mostra arrependida nem convencida. Mas a lição produzirá os seus efeitos, lentamente, talvez, mas absolutamente seguros. Todos os homens, mesmo os energumenos, tem os seus momentos de lucido julgamento em que são susceptiveis de pesar os atos proprios e alheios na balança dignificadora da equidade e da justiça.

N'um café em que, com alguns amigos, o caso da reparação era apreciado, um d'elles sahio-se com a *boutade*: —Vocês já ficam sabendo: Se eu perler o emprego vou para o *revraltho*. Iramo um

(Continua na 2ª página)

Da deshumanização em Literatura

(Para o dr. António Pires, com muita simpatia, um discípulo de ha dez anos)

«... fonte neuve est condamnuble à l'auteur se laisse deviner...» —Flaubert (1)

Flaubert repete isto mesmo por mais de uma vez, e sob varias formas. O seu ideal—um ideal felizmente impossível de atingir—seria que a obra de arte fosse essencialmente objectiva sem o mais leve cunho pessoal. Seria transplantar para a Arte o critério ou, melhor dizendo, a rigida metodologia da Ciência, onde a equação subjectiva deve aillar o menos possível, para, dessa maneira, os dados e as conclusões terem a maior universalidade.

Se essa transplantação fosse possível (que o não é), não teriamos Arte literária mas linguagem de relatório seccamente fotografico.

Exigir da Arte a serenidade, a objectividade, a linguagem a-sentimental da Ciência, equivaleria a matar a essencia que constitui a Arte: o sentimento. Imagine-se um poeta com preocupações didacticas, e alguns houve com essa ambição.

Se até nas obras, onde a objectividade é característica própria, o autor por vezes se esquece de lha dar para deixar aillar a sua personalidade—que não será da obra—literária artística?

«Les artistes objectifs ne peuvent s'échapper à eux-mêmes. Leur âme finit par transparaître dans leur oeuvre et par nous intéresser, plus que cette oeuvre encore.» (2)

E assim é com efeito. Na historia, onde a objectividade de apreciação dos factos deveria ser a maior, para evitar juizos apaixonados, é frequente o autor esquecer-se do seu papel de expositor sereno, para cair, como homem a quem o passado comove, no comentário pessoalissimo.

Não haja, pois, receios de deshumanização da Arte, porque são infundados. O homem não se tem que, voluntária ou inconscientemente, não deixa de transmitir á sua obra um cunho muito pessoal e muito humano.

O homem é o centro do mundo e tudo é visto em função da sua alma. A tudo elle transmite a sua marca individual. A própria paisagem, que parece apresentar-se exclusivamente á representação objectiva, essa mesma é, no fundo, um estado de alma. Não queria José Agostinho que «o poeta fosse esse ser subjectivo que individualiza em si a própria Natureza e universaliza os seus sentimentos e paixões até áquele grau em que a Humanidade os compartilha e sente a si própria revelada.» (3)

Queria elle a quasi pura insensibilidade dum expositor de ciência. Alíás a poesia, para o grande atrabiliário, devia deixar de ser pessoal para ser simplesmente objectiva, porta-voz de conclusões científicas. A serenidade de exposição e linguagem próprias da ciência deviam ser as adoptadas em poesia.

«Reposso e frieza» são as características da poesia de José Agostinho. (4) Parece ser preocupação sua de todos os momentos abafar qualquer afloramento da sua sensibilidade pessoal. O que lhe interessava na sua poesia era o rigor da metrica e a exactidão das verdades expostas. Prosa rimada era o ideal. A espontaneidade, a naturalidade, eram qualidades desprezíveis. Uma arte torturada, em que nada fosse deixado ao acaso, tudo sendo vencido a poder de esforço e de vontade, tal a Arte sonhada pelos que quiseram e querem a sua deshumanização. É um caso de pudor literário, esse de não querer que o autor se revele na sua própria obra.

E, no entanto, é quais são ás grandes obras poéticas (refiro-me ás líricas) senão, precisamente, aquelas em que o autor se confessa nas suas dores, nas suas alegrias, nas suas dúvidas, nos seus anseios? É Ou, serão, pelo contrário aquellas em que

se fazem secas exposições didacticas, ideal reinante no século XVIII, e de que José Agostinho é um reflexo entre nós, com os seus poemas didacticos?

A obra lirica impessoalizada é um contra-senso. E, duma maneira geral, o mesmo se pode dizer de toda a obra poética. O elemento humano, ou os aspectos naturais humanizados, constituirão eternamente o fundo da obra literária.

A arte calculada, friamente elaborada, produto da serena razão, sem o calor da imaginação a dar-lhe vida, é uma Arte naturalmente condenada á fugacidade. Essa é a Arte que todos nós podemos fazer, não passando duma longa paciencia, como o génio, a que Buffon se refere. Se ser artista ou génio fosse apenas uma simples questão de paciencia como queria o naturalista francês, todos nós poderíamos ser uma coisa e outra. Mas não é assim. O artista, como o génio, nasce.

O estudo (correspondente a certa dose de paciencia) requintá-los-á nas suas qualidades naturais.

Literatura, como obra de Arte, em que não perpassa um viço sóbro humano, de dor, de alegria, de dúvida, de generosidade, de ódio mesmo, está condenada a não ter quem a leia. Le-se José Duro, António Nobre, Antero, Hugo, Ryrón, Montaigne, Rabelais, os russos, os tragicos gregos, Molière, Racine, Corneille, pela humanidade que as obras desses escritores respiram. Desde que, na obra de Arte, transpareçam preocupações de impessoalidade, a obra está condenada á morte.

As obras de Arte, que são meras alegorias ou símbolos, apenas poderão fazer vibrar alguns eleitos, se bem que essa vibração será ainda mais de caracter intelectual que emocional. Uma mulher nua, por exemplo, que, deitada, e esprenguando-se, simbolize o romper da manhã, está longe de causar a emoção dum outro quadro ou escultura em que uma mulher, torcendo-se de dor, amamenta um filhinho órfão de pai. A inocência da criança, contrastando com a dor profunda da mãe, que antevê o futuro cheio de incertezas, faz desta segunda obra de Arte uma obra profundamente humana, ao passo que a primeira, onde o elemento simbolizado é sobretudo intelectual, nos deixa quasi indifferentes.

Desumanizar a Arte seria, pois, aniquilá-la. Desumanizá-la seria tirar-lhe o seu caracter emotivo. Ora, como algures disse, sentidamente, o grande Guyau:

«Les hauts plaisirs sont ceux qui font presque pleurer.»

A obra de Arte, a que não possa assinalar-se uma data, uma época social de que ella reflecte os anseios, um autor com sua vibração pessoal, é uma obra que não será lida—por carecer de humanidade, incapabile de servir de pâture vivante á des hommes vivants, como diz Bourget.

O artista que se limita á arte pela arte, supõe-se noutro mundo, que não o dos homens. Olha a beleza em si, só por si, e só para si. Admite insensatamente que a sua obra não terá influência social, caindo, assim, no domínio da irresponsabilidade.

Não, o artista não pode abstrair da sua condição humana, nem do caracter humano que a sua obra deverá revestir. Sendo o artista um criador de beleza, deverá dar a esta uma amplitude que não se confine no elemento puramente estético. Deve ampliá-la até á beleza moral. Olhará ás consequências nefastas que a sua obra poderá produzir, quando desprendida do critério de que, acima de tudo, a obra de arte deverá ser huma-

NO MUNDO DOS INSECTOS

Narrativas para adultos e creanças

por Ludovico de Menezes

Para explicar a origem daquele grito aflitivo e saber quem o soltara, precisamos retrogradar e dizer como se fazia a nossa jornada pela galeria e a ordem em que seguíamos.

Quem ia á frente era a Luciolasinha com o seu lampião aceso, rompendo a marcha. Seguiu-se-lhe a minha pessoa e por ultimo a Dona Ralo, fechando o grupo.

A comentar os varios episodios que iam surgindo durante a travessia, iam, como disse, entretendo o tempo a conversar e com tanto agrado, que não tinhamos dado conta de uma parte do caminho andado, cujas dificuldades só viemos a sentir, quando por mais acidentado se tornou deveras insuportavel.

A isto veio juntar-se dentro em breve o enfado de uma humidade que, de toda a parte traspasando as paredes da galeria e gotejando sobre nós do tecto uma chuva constante e miudinha, nos molhava que nem diabo.

No terreno que pisavamos, estava encharcado até mais não poder ser e os nossos pés enterravam-se em chão perfeitamente lamacento.

Aborrecido com aquilo, não pude calar-me que não fizesse sentir á Dona Ralo, quanto desgosto semelhante situação me causava.

A este meu lamento e tão amarga queixa correspondeu ella, dizendo-me que não esperava aquele precalço, com que de forma alguma contava.

E explicou:

—Que quer, primo? Parece que ultimamente as regas se tornaram mais intensas e persistentes nesta parte do jardim, precisamente por cima da galeria em que nos achamos, por causa dos canteiros das mais mimosas e delicadas flores que ali ha e que precisam ser tratadas com sollicitos cuidados. Eu ignorava este facto, aliaz não os teria trazido por aqui.

—Mas que tem que ver as regas, primo, com esta diabolica chuva?

—Tudo. Com a constancia das regas a agua foi pouco a pouco infiltrando-se pelas camadas de terra e deu em ressumar humidade das paredes desta galeria em repessos gotejantes desta chuva diabolica que nos encharca.

—Compreendo.

—E nada me admirava que a continuarem assim as cousas, dentro em breve sobrevenham desmoronamentos neste corredor, deitando abaixo toda a obra artificiosa da sua abertura, que tanto me custou a levar á efeito.

Assim falou a Dona Ralo e não havia que replicar-lhe nem attribuir-lhe culpa do banho forçado, a que nos viamos submettidos.

Ainda bem que o infernal tormento de andarmos pelo alagado e sob o choviscar pinguinheiro de agua, veio á ter o seu termo andados mais um metros, ao cabo dos quais conseguimos pôr os pés em terra.

Na, mas humana no sentido criador de perfeição, e não de corrupção moral. A arte não é feita para deuses incorruptiveis, mas para homens, em que o pendor para o mal é accentuadissimo. Ora a obra artística, em vez de percipitar a queda moral do homem, antes a deverá sustar.

no enxuto e caminhar mais á vontade e melhor dispostos de animo, já inebriados a esquecer tudo com o alivio sobrevindo ao duro transe por que acabavamos de passar.

Somos agora mais fagueiros e mais contentes, melhor encarando a situação.

Mas, de repente, um surdo rumor entrou a ouvir-se, pondo-nos em sobresalto. Ignoravamos o que aquilo era e a que era devido. Parecia um longo rolar do mar, quebrando-se na praia de encontro a rochedos, num tumultuar de vagas, que se repercutia até nós em fragor vago, transmitindo através das camadas de terra.

Medroso e facilmente assustadico, como sou, perguntei á Dama Ralo o que vinha a ser o estranho facto.

—Aquilo não é nada, primo, disse-me ella soltando uma gargalhada.

—Não é nada um barulho assim tão singular e misterioso?

—Não é nada, repito. E pode ver que nenhuma razão ha para o primo se apavorar tanto.

—Mas então o que é, o que vem a ser? Diga-me isso prima e tire-me destes cuidados em que me vejo, por amor de Deus!

—O que hade ser senão o motif que as endiabra das vespas estão fazendo nos seus aposentos?

—Vespas? E diz-me a prima que não é nada a rir, levando o caso para a brincadeira?

—Sem dúvida. As vespas estão em sua casa e nós na minha.

—Hã, pelo menos, segurança nas paredes que separam as duas habitações?

—Toda. E a não ser que nós vamos ter com elas perturbar o alarido que estão fazendo e dizer-lhes que estejam caladinhos...

—Dessa me livro eu.

—E nós tambem, disse, por si e pela Luciola.

E para me socegar o animo entrou a dar explicações sobre as vespas.

São animais inteligentes e audazes, armados de um dardo venenoso, que os torna temiveis pelas suas ferroadas, mas não atacam senão quando vão bofir-lhes nos ninhos. Estes são construidos sobre ramos, buracos das arvores, á beira dos telhados e como no nosso caso em tocaõ no chão debaixo da terra. Ha diferentes especies, mas a que está na nossa visinhança é a vespa vulgar, airosa e elegante.

—Diz então a prima que não fazem mal?

—Sim, quando ponhamos a cóbera dos seus ataques como agerto, e não caíamos na asneira de ir provocá-las ou dar-lhes nas vistas. Portanto não ha no presente motivo para receios.

—Pois sim, mas pelo seguro ponhamos-nos sempre longe do vespeiro e para a frente é o caminho. Vamos.

E proseguimos na marcha, com Luciola á frente e a Dama Ralo fechando o cortejo, na mesma ordem que ficou iniciada.

Nesta segunda parte da nossa jornada tinhamos já andado tanto e o caminho pareceu-me tão longo, que o julguei interminavel.

Fatigado e aborrecido, perguntei á Dama Ralo: —Prima, isto não acaba, falta ainda muito?

—Um pouco ainda.

—Oh,...

—Pelos meus calculos ainda não estamos no meio da Alameda, no sentido da sua largura e a sala da minha comedoria fica para além da rua central, junto

(1) Transcrito em Paulo Bourget *Essais de Psychologie contemporaine*, I, 129.
 (2) Ibidem.
 (3) *Seara Nova*, n.º 273.
 (4) Ibidem.

MUNDANISMO

CARTA DE LISBOA

PRÓLOGO

Era uso e costume, nos sarauz palacianos do século XVIII, apparecer no presépio do jantar, todo elle revestido em purpura e ouro, a figurinha gentilissima de um loiro pagem, engalanado em espumosas rendas sobre preciosas bruxeadas, contar, á fidalga assistencia, o extrêcho da farsa a rep. esmolar.

—Vocês riem-se?! Eu não estou brincando. Isto é absolutamente sério. Pois não é mais certo e mais facil arranjar um logar de deportado que um logar de empregado? E com a vantagem de não ter que pensar se o ordenado chega para a despeza ou não chega.

—Isso é verdade, diz um, mas o diabo é que a entrada n'essa congregação está sujeita a exercicios que nem sempre são espirituais.

—Meu caro, nada n'este mundo se consegue sem sacrificio. Os velhos frades e os santos para conquistarem o ceo sujeitavam-se a privações e cilícios. Para ser santo no revirinho, o homem não pode contar-se isento de martírio ou de sacrificio. Nas Colonias, como se sabe, ha o macaco, o elefante e o cavalo marinho e quem para lá vai não está isento de se encontrar com qualquer d'esses reis da selva.

Só fogem d'essa eventualidade os fracos, os cobardes, os que não nasceram para a luta nem para o sacrificio. Como todas as ideias politicas, como é sabido, nasceram e vieram depois da dominação das ideias religiosas, de que são uma variante, o revirinho tem o seu místico que eu estou longe de sentir, mas que posso bem explorar para não andar de botas cambadas, calças rôtas e chapeo á Brito Casmacho. Se o revirinho me não compenst, a ditadura não me deixará pelo menos andar a cravar os amigos e a não saber quando poderei comer e se terei onde ir dormir.

—Grande material! Não te envergonhas de ser assim? —E tu?! Queres talvez que eu te chame espirituállo? Diz-me isso porque me vês reacionar como um animal que não pode viver do ar e que, vitima da sua condição, não estudou para se e ximir ás leis dominantes do seu fisico como qualquer fakir indiano, ijuador e prodigioso.

Mas, meu amigo, tu pensas como pessoa a quem não pode succeder aquilo de que estou em riso—ficar sem pão e sem arrimo. Essa é a tua espirituosidade e esta hipotese do futuro é o meu materialismo.

Primo vivere diz o latim. E a sociedade que fulmina e castiga os ladrões e os vadios, sem querer saber as causas que os attiraram para a vadiagem e para o crime, recebe sempre com honras de mártires todas as que se dizem ou fazem vitimas da politica, chegando a ponto de glorificar certos assassinos a quem ela chama criminosos por questões sociais!

—Não te conheçamos essa filosofia!... —Nem eu a tinha antes d'essa calamidade que ameaça em todo o mundo os que não teem mais que a sua saúde e os seus braços para ganhar a vida, para não morrer de fome. D'essa calamidade em que a solidariedade humana não chega para dar trabalho aos que não teem nem pão aos que o não podem ganhar.

—Estás tragico e bolchevlista! —E talvez do café quente e da bagacelra cheirante a uvas pisadas... Não é. Eu não sou apolígista do bolchevismo. Detesto esse regimen de escravidão, de morte violenta e de morte de miséria.

Isto vem-me aos labios em frente da vossa hipocrisia de burguezes bem assentes na vida, que estranham como um ato, senão deshonesto pelo menos de deselegancia moral, que alguem, como eu, aproveite as divergencias da politica para conseguir que me alimentem, me alberguem e me curem em caso de doença.

—De que hipocrisia falas tu? —D'aquella que usa uma sociedade que não reage, que desculpa atos de verdadeira abjecção desde que eles são praticados em nome da politica e que acha estranho, como vocás acham, que um pobre pelintra como eu, sem roubar nem matar, nem desejar a mulher do

de um chalet que ali há. —Massada! Ia eu dizer, mas calei-me em atenção á obsequiosa Dama para a não desgostar. —Oh! Senhor Grilo! disse-me então por sua vez a Luciola, encorajando-me. Ande, vá, mostre que é um vigoroso cavalheiro e não um debil affémim. Ande, vá, toca a andar.

Dizendo isto apressou o passo e apertou-se de nós um bom espaço, dentro em pouco tornando-se grande a distancia que nos separava.

Esmagado pela oppressão do peso daquela caminhada não dera ainda por este afastamento e se a nouté quando, de repente, um grito agudo e afflicto cortou o silencio do antro profundo, a quele mesmo, a que se fez já referencia.

—Ah! Acudam! Acudam! bradava uma voz em pungente e louco clamor. Socorro! Socorro! Quem seria?

este numero foi visado pela Comissão de Censura

Ha 44 anos — do — "O DISTRICTO DE FARO" De 5 de Janeiro de 1888

Partiu na segunda feira para Lisboa o sr. João Antonio de Abreu Fialho, socio da firma Neto & Fialho. Em consequencia da cheia do Guadiana, o sr. Fialho teve que dirigir-se a Sevilha e Badajoz, afin de seguir para Lisboa.

No dia 27 do mez passado celebrou-se o baptismo do filho do sr. Luiz Sepulveda Pimentel Mascarenhas, lente provisorio do liceu de Faro e procurador á Junta Geral deste distrito. O neofito recebeu o nome de João e foram padrinhos mosenho: conego Joaquim Maria Pereira Boto e o capitão de infantaria sr. João Carlos de Sarmiento Osorio e madrinha a ex.ª esposa do sr. engenheiro José Emidio Pinheiro Borges.

Sindicato Agricola de Faro Segundo o disposto e para os fins designados nos n.ºs 1.º 2.º po art.º 20.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral, para o dia 15 de Janeiro proximo ás 21 horas, na Séde do Sindicato, Rua Letes, n.º 25.

No caso de não haver numero legal de socios fica desde já convocada a mesma Assembleia para o dia 30 do referido mez no mesmo local e á mesma hora. Faro, 23 de Dezembro de 1931

O Presidente da Assembleia Geral (a) João Gago Nobre

Sindicato Agricola de Faro Continua tendo grande concorrência a selecção de trigo operação de incontestável vantagem e muito recomendada pela técnica e confirmada pela pratica.

Não mande executar os seus trabalhos tipograficos, sem consultar os preços da Tip. de O Algarve

Despedida Thea Sequerra e seus filhos Semto, Joel, Simão e Mazaltob, não tendo podido, por absoluta falta de tempo despedir-se das pessoas amigas a quem ficou devendo inumeras atenções recebidas durante tantos anos que viveram nesta saudosa cidade de Faro, fazem-no por este meio, pedindo a todos desculpa de o não fazerem pessoalmente, como desejavam. Aproveitam a ocasião para oferecerem a sua casa em Lisboa, na Rua Filipe Folque, 33-3.º

A todos a manifestação da nossa saudade e sincera gratidão.

Agradecimento João Alexandre da Fonseca, extremamente penhorado com todas as pessoas que por qualquer forma se interessaram pela sua saúde, vem por este meio apresentar os seus maiores agradecimentos, pedindo desculpa de não o fazer pessoalmente, visto o seu estado de saúde não o permitir.

Faro, 2 de janeiro de 1931 proximo, se aproveite da politica para não morrer de fome nem de frio.

—Estás enganado, achamos engenhosa e engraçada a tua ideia. —O que ela é sobretudo é util para mim. E creiam que estou certo de lhes enviar de Lourenço Marques este telegrama:

Encantado. Boa saúde. Abraços para todos. E para me não repatriarem, para não me obrigarem a trabalhar, nem me tirarem o gualsalho, gritarei no fim: Viva o Bernardino. Ass. 20 a...

Vocês sabem o resto,

Banco de Portugal

REPARTIÇÃO DO SERVIÇO DE NOTAS

A Administração do Banco de Portugal resolveu emitir notas de CINCOENTA ESCUDOS—ouro—de nova chapa (4.ª), aprovadas de harmonia com o disposto do § 3.º do artigo 17.º dos estatutos em vigor, para circular em conjunctamente com as da chapa actualmente em circulação.

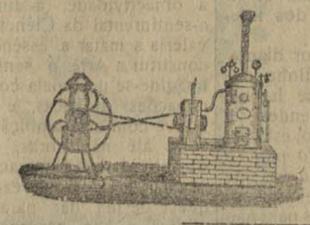
Os principais característicos desta nova nota, pelo que respeita a cor, data, série, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que a compõem, bem como a filigrana do respectivo papel, descritos no Diario do Governo, 2.ª série, N.º 293, de 19 de Dezembro de 1931, podem ser examinados nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco em Lisboa e nas suas Delegações.

Lisboa, 21. de Dezembro de 1931.

Pelo BANCO DE PORTUGAL Os Administradores D. H. Beck Antonio José Pereira Junior

Serralharia Mecanica e Civil

J. Almeida & C.ª L. da



EXECUTA COM PERFEIÇÃO TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES Á SUA ARTE

União de ferro e bronze

pelos preços de Lisboa ESTRADA DE ALPORTEL FARO

Fabrics de Sardinhas.

ATENÇÃO:

Importante firma alemã, de agencia e importação de sardinhas, com otimas relações com grossistas sérios, dando refer. de 1.ª ordem, procura, para a Alemanha do Sul e d' Oeste, representação de exportadores e fabricas de sardinhas, de 1.ª ordem. Correspond. em francez ou inglez. Oírtas detalhadas, dando referencias, a K Z 2525 por: Rudolf Mosse S. A., Madrid.

Comarca de Faro ARREMATAÇÃO

No dia 4 de Janeiro proximo, pelas 13 horas e domingos seguintes, no Largo do Baleizão, desta cidade e estabelecimento do falecido Alfredo Antonio Pinto Sobrinho, se hão-de pôr em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acima de metade do seu valor, os bens moveis pertencentes á massa falida e se compõem de varios artigos e fazendas do Comercio do falido. Ficam por este citados quaesquer creadores incertos.

Faro, 27 de Dezembro de 1931. O Escrivão do 2.º officio

Antal Valeriano Pinto Santos Verifiquei: O Juiz Substituto, Presidente do Tribunal do Comercio Justino de Bivar Weinholtz

Comarca de Faro ANUNCIO

Por este juizo é cartorio do 3.º officio correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação d'esteanuncio, citando a ré Isalina de Jesus Ferreira, casada, doméstica, ausente em parte incerta, para contestar, querendo, dentro de vinte dias findo que seja o dos editos, o pedido de ação de divorcio litigioso em que é autor seu marido Celestino José Fernandes, casado, sargento enfermeiro da armada residente em Faro.

LOJAS

ARRENDAM SE, em local muito central e de movimento, tendo pelo menos uma ou duas montras, preferindo-se com um espaçoso armazem anexo ou bastante proximo. Destina-se a deposito e a exposição de productos limpos. Indicar, renda, condições e local para Lisboa á Rua dos Figueiros n.º 277-2.º

Toneis

De diversos tamanhos vende Antonio Neves Pires—FARO.

ANIBAL MARTINS CALADO

Casa Bancária

76 Rua Conselleiro Bivar — 78

F A R O

Depositos á ordem e a praso creditos em conta corrente

Descontos, letras á cobrança e transferencias

FILIAL EM LOULÉ

Correspondentes nas principaes praças do país

Telegramas Calados

Telefone 160

PAGINA QUINZENA DE "O ALGARVE"

Finanças, Comercio, Industria e Agricultura

Cronica da Quinzena DOS APICULTORES

Ano Novo

Principiou o ano de 1932 e com ele partiram-se, por certo, as culturas, na nossa provincia, usando das mesmas praticas ha muito consideradas como velharias que o progresso relegou para o numero das inutilidades.

O individualismo, que caracteriza a nossa populacao rural, tem sido a pedra de toque que imoladora do progresso que hoje se devia verificar na laboracao das terras algarvias.

Se, no nosso pais, ha provincias onde a cooperacao poderia encontrar campo proprio para medrar, enraizar-se e desenvolver, o Algarve e uma delas, se não a principal.

O seu clima de privilegio proporciona culturas proprias e temporais e senão, vejamos o que poderia fazer a cooperacao em certas localidades da nossa provincia. A cultura dos griseus (ervilhas) e das favas seria mais desenvolvida e mais economica se fosse organizada sob os principios cooperativos da producao e melhor defendida a venda dos productos, se estes estivessem sob a égide da cooperativa de collocacao.

As cooperativas de producao e venda, para os productos hortícolas, representaria uma das mais eficientes formas de defesa do produtor, porque em nada se lhes opporia o esforço isolado do individualista.

Mas, não é só olhando para o problema hortícola, que se encontraria solucao pela cooperativa. Ha muitos outros cultivos que, no Algarve, se poderiam fazer com exito se a cooperacao imperasse como organizacao poderosa de producao e venda. Na nossa provincia, ha, entre outros problemas a resolver, como o de maior acuidade, e, portanto, classificado como o de maior importancia, que é, nem mais nem menos, do que o denominado de fructos secos.

Se os paizes de sa organizacao e bom espirito associativo quisesse ainda agarrados ás praticas de antanho; se ainda vissem apegados a rotina e abraçados ao individualismo inprogressivo, não nos seria dado verificar o progresso enorme que se antolha a qualquer e não lutaríamos agora com a perda quasi irremediavel dos mercados importadores da nossa producao. Isso se deve, unica e exclusivamente, a nossa fraca mentalidade que nos indispoe com o cooperativismo e nos leva a apressadamente para a ruina. Se juntarmos a esse terrível mal as consequencias desastrosas dum comercio mal orientado e pessimamente organizado, teremos que verificar que o Algarve está em vespaldas de sofrer um abalo economico que forçosamente se ressentirá no já debilitado bem-estar da nossa populacao rural.

Que atentem nisto os produtores de mais tá mentalidade. O mal aproxima-se e pouco demorará a falta de preço que ocasionará a acumulacao de colheitas sobre colheitas de figos, amendoads e alfarrobas, invendaveis.

Ha, pois, absoluta necessidade de se mudar de processos e relegar para um plano secundarissimo, todo o sistema de organizacao da nossa lavoura e classificar como maior mal o individualismo que é o classico inimigo do progresso e do bem estar colectivo. Organitem-se desde já as cooperativas de producao e venda como unica defesa dum riqueza quasi em pura perda. Lance-se imediatamente as suas bases como unico remedio para a preserção da crise que se avizinha. Só assim, o ano de 1932 marcará uma época gloriosa para esta provincia.

Fernando Pacheco

CAMPANHA DA PRODUÇÃO AGRICOLA

XX. BRIGADA TECNICA-TAVIRA

(Cursos praticos de podadores de oliveiras e fruteiras)

1.º — Na actual época serão instalados em Silves e Monchique cursos praticos de podadores, sendo o primeiro para podadores de oliveira e o segundo para podadores de fruteiras.

O curso instalado em Silves começará a funcionar no dia 10 de Janeiro e o instalado em Monchique em 31 do mesmo mês.

2.º — Nêstes cursos podem matricular-se todos os trabalhadores rurais que pretendam especializar-se nestas praticas agrícolas e aos quais, depois de aprovacao em exame final, será passado um cartao profissional da sua aptidão.

3.º — As inscrições para a matrícula nêstes cursos podem ser dirigidas ao Posto Agrário de Sotavento do Algarve, Tavira, ou ainda, para o curso de podadores de oliveiras, para a Sede do Sindicato Agricola de Silves; para o curso de podadores de fruteiras, para a Sede do Sindicato Agricola de Monchique.

Os alunos inscritos para o curso de podadores de oliveiras, deverão apresentar-se em Silves, na Sede do Sindicato Agricola, no dia 10 de Janeiro p. ft., pelas 14 horas.

Os alunos inscritos para o curso de podadores de fruteiras, deverão apresentar-se em Monchique, na Sede do Sindicato Agricola, no dia 31 de Janeiro de 1932, pelas 14 horas, convenientemente munidos da ferramenta necessaria.

Os alunos, que assim o desejem, poderão matricular-se nos dois cursos.

4.º — Durante o periodo de instrucção intensiva será abonado, pela Junta Central da Campanha da Producao Agricola, aos alunos matriculados, um salario igual ao que correr na região.

5.º — Depois do periodo de instrucção intensiva serão constituídas pelosa matriculados, Brigadas de podadores que prestarão os seus serviços aos proprietários que assim o desejarem.

6.º — Para este efeito é desde já aberta a inscricao no Posto Agrário de Sotavento do Algarve, para os proprietários que pretendam utilizar o serviço destas Brigadas. Os encargos deste serviço resumem-se apenas ao salario dos podadores.

7.º — Tanto a instrucção intensiva como o trabalho das Brigadas de podadores será dirigido e fiscalizado por pessoal tecnico especializado.

to da Apicultura Portuguesa.

O Ministerio da Agricultura quiz demonstrar, claramente, o interesse que costuma dispensar aos assuntos que lhe estão pendentes.

Sendo a apicultura, pelo seu modo de ser, uma industria em que a cooperacao tem o mais largo alcance, procurou fazer desenvolver o espirito do associativismo entre os nossos apicultores. Para isso se decretaram medidas tendentes a facilitar a organizacao de Sindicatos de Apicultura, e como premio para aqueles que primeiramente se resolvessem a colaborar nesta patriótica iniciativa, serão fornecidos gratuitamente 200 colmeias a cada uma das 20 primeiras associações que se constituam até 30 de Junho de 1932.

Longas são estas notas em que se põem em justa evidencia os beneficios que para a apicultura nacional pode acarretar o decreto do Fomento Apícola.

Para que o exito seja completo, resta apenas que os nossos apicultores cooperem nesta obra com dedicacao e entusiasmos identicos ao que anima os tecnicos que o Ministerio da Agricultura nomeou para seus colaboradores.

Dezembro de 1931.

Riquezas Algarvias

A momentosa questao dos fructos

A riqueza arborea algarvia está, presentemente, em mais sérios riscos de perder-se. Quem correrá a salva-la? Quem a defenderá, energica e decididamente, contra a horda de barbaros que se empenha em aniquila-la de golpe? Quem se levantará para oppor a forte e indispensável barreira que evite a sua precipitada agonía?

Al ficam as interrogativas, em demanda duma resposta.

Emquanto os maus detentores deste commercio — o dos fructos secos — alicinadamente arruinam uma das principais fontes de riqueza do Algarve, assistimos nos, assistem todos, ao insensível cruzar de braços da lavoura.

Se não fóra ainda o esforço de alguns, mas poucos, denodados lavradores, dir-se-ia que os produtores algarvios taparam os ouvidos á espera do empurrão que os lance no fundo do mar, seguindo o exemplo do macaco.

Os produtores dos nossos fructos secos, os detentores das especies arboreas que representam um forte factor economico do Algarve, não gritam, não se insurgem contra os desmandos d'alguns exportadores que estão apressando a sua ruina. Queixumes, que se não ouvem lamentos, que mal se activinham, não são próprios de quem, usufruindo o laborando o solo que se desentranha em fructos, que dentro em pouco nada valerão, e sim de quem não sabe vislhar o que é a miséria.

A lavoura, tem que acorciar. A lavoura tem que reagir. A lavoura tem que se organizar para a producao e para a venda. E ainda mais: cumpre-lhe gritar de forma que o governo a oija e lhe preste auxilio e a defenda dos maus comerciantes, unicos causadores dos males que amanha forçosamente hão-de surgir.

Com isto, não nos colocamos em guerra aberta com o commercio exportador. Queremos, unicamente, verberar a estes a sua má conducta, a sua péssima organizacao e sobretudo, a sua desgraçada orientacao mercantil. E queremos ainda collocar-lhes pela frente, como ruído e encarnação defensor da mais genuína riqueza algarvia, o produtor organizado, o produtor consciente, e, numa palavra, o produtor que pela cooperativa possa ser um competidor de respeito.

Queremos ainda que, na falta destes, (o que só pode acontecer por espirito retrogrado) o governo legisle e ponha em vigor as necessarias sanções para que se acatelem os interesses do país, ou seja os desta provincia, tendente a evitar que, na proxima época, volte a impedir um commercio desorganizador e aviltante.

E isto, para quê? Para que não mais se misturem amendoas doutra procedencia com as genuinamente algarvias; para que os comerciantes menos honestos não burlem os compradores vendendo-lhes essa mercadoria e tantas outras miscelaneas; para que não mais se exporte figo alentejano ou espanhol como sendo producto algarvio; para que não se repita mais a falta de cumprimento de contractos. E, mais principalmente, para que a producao algarvia de fructos secos, volte a encontrar bom acolhimento nos mercados, seus habituais compradores, os quais já fartos de tanta pouca vergonha, ameaçam fechar as portas ao nosso commercio de exportacao.

Srs. productores: os vossos productos estão em sérios riscos e com a sua perda de valor, está seriamente ameaçado o vosso bem-estar e o da colectividade.

Srs. exportadores: é indispensável arrear caminho e entrar-se numa fase honesta de exercicio do vosso commercio.

J. S.

Dr. Armento França e Silva
Médico-Veterinario
LOULÉ

Exemplo a seguir

A admiravel obra agricola da ditadura italiana

As liberdades são, para os pregadores da politica vermelha, o remedio infalivel para curar o mal estar dos povos. Felizmente que os factos dão aos pregadores das liberdades sem limite nem definicao, os mais retumbantes desmentidos.

As liberdades dos pregadores deram em dois paizes bem diversos nas suas condições ethnicas, geograficas e psicologicas. um só exemplo, altissimo, retumbante e esmagador da sua nocividade social. Em Italia collocada á beira da anarquia; em Inglaterra collocada á beira da revolução e da penuria.

Na Italia, appareceu um grande espirito organisador de uma grande força que soube estabelecer uma liberdade para todos os italianos, que acima da outra liberdade desorganizador e anarquica soube impor ordem e disciplina, duas condições primaciaes do mando que até no paiz das maximas liberdades modernas — a Russia, é servido pelas pistolas, espingardas e mais instrumentos liberaes per-suasivos.

Na Italia, o grande homem que a dirige tem construido uma obra colossal em todos os dominios da actividade da nação.

Como nesta secção a politica não interessa, olhemos para a obra agricola realisada pelo fascismo.

Paiz essencialmente agricola, a Italia está longe que a crise actual do mundo pese sobre ela como sobre outras nações.

Em 1919 a agricultura italiana estava numa situação lamentavel. Mussolini compreendeu que a ordem, base de toda a actividade, era insufficiente para evitar a desercão dos campos ao espirito rotineiro e a excessiva divisão das propriedades rurais e inaugurou uma politica agraria que proseguiu com metodo e tenacidade.

Reorganizacao do credito agricola de forma a subtrair os agricultores ás garras dos usurarios, emprego intelligente dos maquinismos, selecao das sementes, nova entrada em cultura das terras abandonadas e cultivo de terras que por pobres ou inundadas nunca, desde a mais remota antiguidade, o haviam sido. Desta ditadura agraria insistente e tenacissima resultaram beneficios admiraveis. A producao do trigo, que em 1923 era de 39 milhões de quintaes, passou logo em 1924 a 45, em 1926 a 61, em 1928 a 63, em 1929 a 72 e em 1930 a 76. Isto é, em 7 anos, quasi duplamente, pôndo a Italia em circumstancias de se abastecer a si propria e não sei se até em condições de exportar. O rendimento que era em media de 11 quintais o hectar, tem chegado a ser de 40 quintais e na rica planicie de Cunaona tem sido de 60.

No proseguimento desta energia campanha o governo, não contente em fazer cultivar as terras cultivadas e cultivaveis atacou as terras que nunca tinham sido cultivadas e tratou de transformar os pantanos e lagoas em terras de sementeira conseguindo dois importantes resultados: aumentar a superficie de cultura e sanear regiões inhospitas e hostis onde reinava a malaria e a morte.

A obra mais admiravel deste trabalho realisou-se na campona romana onde todas as tentativas feitas desde ha dois mil anos tinham fracassado.

Mas onde Cezar, Trajano e Augusto tinham naufragado, Mussolini venceu entregando á agricultura saneados e cultivaveis 200.000 hectares de terrenos quasi todos constituídos pelos pantanos que tinham 60 kilometros de comprimento por 20 de largo.

Esforço igual se realiza nos montes Sabinos, na Toscana, nas lagoas do Adriatico e noutros pontos do paiz.

Por todos esses pontos uma nova vida se surge. Isolados ou agrupados, brancos cascos constroem acompanhados de

AS VITAMINAS

O Que são e onde estão

O homem é um animal vaidoso.

Agarrado a uma coisa verdadeira, a que chama ciencia, sae-se de vez em quando com cada descoberta que afirma serem mais verdadeiras que um evangelho e acaba ele proprio por nos convencer que as verdades de hontem são mentiras de hoje. Hontem arranjou a teoria das calorías que os elementos contem. Descobriu, a par disso, que o corpo humano consome diariamente um certo numero d'elas, tal qual como as maquinas de ferro e bronze.

E, assim, como calculou as calorías necessarias para produzir nos motores um certo esforço cavalari, entendeu que para a maquina humana podia fazer calculo identico. E calculou e fez a applicação. Mas foi um fiasco memoravel!

As doses de alimentos nunca deram certas. A maquina humana revelou mais uma vez que não estava *standarizada*, que não era feita em serie. Mas o fiasco, que até agora estava circunscrito á applicação da teoria, revela-se ainda maior no fundamento dela.

E revela-se pelas verificações feitas pelos proprios sabios. Na teoria das calorías, as hortaliças e as frutas e am consideradas como quantidades despreziveis na alimentacao humana, visto a sua fraquissima força em energia calorica. No entanto, varios maduros, inimigos da alimentacao cadaverica, como eles dizem, descobriam, em contrario das lições conclusões feitas nos varios restos do homem prehistorico, que os homens primitivos se alimentavam como qualquer herbívoro, apenas deervas e fructos. E, por isso, fundaram a religião do vegetarianismo onde os puros nem pio comem.

Viu-se que, apesar de tudo, eles se aguentavam sem comer albuminas ou comendo muito poucas.

Mas eles estavam dentro de um raciocinio simplista. — Pois se os bois, os cavalos, os burros, as cabras, os carneiros e outros animais zurrantes e balantes se sustentam comendo ervas: pois se uma grande parte dos milhões de habitantes da India e milhões de Chineses não comem carnes e vivem e trabalham, que necessidade temos nós de sacrificar á nossa gula matando-os, esfolando-os e comendo-os, tantos milhões de animais que nos ajudam e acompanham na batalha da vida?

Devemos concordar que esta pergunta raciocinada sem ciencia era um grande marmelo cru que engasgava a dita ciencia. E, engasgada, ela não sabia responder. Mas de um ponto, a outro do globo, ela tem os olhos dos microscopios, dos ultramicroscopios das analises e dos reativos e de tantos outros auxiliares debruçados e atentos sobre os misterios que cercam e envolvem a inferioridade do homem. E por fim chegou a descobrir, chegou a abrir um pequenino rasgão no vultro desse enigma perturbador. E descobriu uma substancia essencial á sustentacao da vida animal — as Vitaminas. Descobriu as Vitaminas do grupo A, do grupo B, do grupo C e do grupo D.

(Continua)

novas igrejas e novas escolas com farmacias, postos medicos e tudo o que é preciso, hospitais, correios, centrais electricas, serviço de aguas, novas estradas, etc.

Novos canaes de irrigação sulcam esses novos dominios agricolas, coletando as aguas das ribeiras e dos regatos que descem dos montes. O total de fomento agricola a realizar e já realisado compreende quatro milhões de hectares de terras.

Esta obra grandiosa, que fixa ao solo milhões de italianos, imortalisa só por si um estadista e justificará em qualquer paiz uma ditadura.

J. L.

OFICINA DE CANTEIRO E ESCULTURA
— DE —
ANTONIO TOMAZ RAMOS

Sucessor de José Maria Paulino Fernandes

Rua Miguel Bombarda, 7 a 15

FARO

Encarrega-se de todos os trabalhos
pertencentes á sua arte

Construção de jazigos e de todos os trabalhos
para construção de prédios

FORNECIMENTO DE MARMORES PARA MOVEIS

Execução rápida perfeita e económica

**Empresa Transportadora
Algarvia, Limitada**

(A mais antiga Empresa de Camionagem no Algarve)

Rua Horta Machado, 6 2

FARO

TELEFONE 232

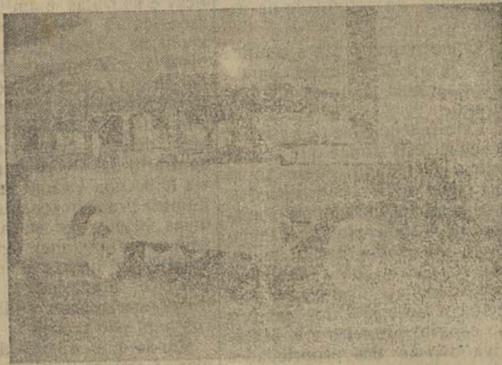
CARREIRAS DE AUTO-CARIS REGULARES E DIARIAS ENTRE:

Portimão, Silves, A. de Pêra, Albufeira
Loulé, Faro, Olhão e Vila Real

PEDIR HORARIOS E INFORMAÇÕES

Agentes dos acreditados Pneus

DUNLOP 'FORT'



**Hotel Central
E
Grande Hotel**

Telefone n.º 5

PROPRIETARIA:

Gregoria Gonçalves

CALDAS DE MONCHIQUE

ABERTOS DESDE 1 DE JUNHO

Reservam-se quartos

Diárias de 18\$00 a 25\$00

MOSAICOS

Optimo acabamento

Grande resistencia ao desgaste

Emprego dos melhores
materiais

Fabrica especial da

**Empresa Fabril
do Algarve, L. da**

FARO

Farinha Peitonal Ferruginosa

A mais barata de todas as Farinhas e a mais recomendada pelos Médicos
A mais conhecida como mais eficaz para restaurar as forças, dar saúde e
especialmente para alimentação de

Gravadas, Adultos e Convalescentes

A venda em todas as Farmácias, Proterias e Mercadorias DEPOSITO GERAL EM BELEM NA

Farmacia Franco, Filhos

Quem dá valor aos seus olhos pede
expressamente o Zeiss Ikon



Aos nossos estimaveis clientes desta cidade
e do resto da provincia, participamos que acaba
de nos ser confiada a representação da casa
Zeiss, tendo já á venda um completo sortido
de lentes daquela casa, universalmente conhe-
cida, tanto para olhos, lunetas e lórinhões,
como para o avio de receitas medicas,



ANTIGA CASA

RIBEIRO & SERRA

Rua Ivens, 26—FARO

Vinho Nutritivo de Carne

O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tónico reconstituinte,
evanta forças, dá robustez, e é empregado com êxito por todos os convalescentes

A venda em todas as Farmácias e Proterias

DEPOSITO GERAL

Farmacia Franco, Filhos
Rua de Belem, 18 a 22—LISBOA

TIPOGRAFIA

— DO —
ALGARVE

Esta casa que não tem a con-
corrência dos seus concorrentes,
garante aos seus clientes a má-
xima perfeição e rapidez em todos
os trabalhos tipograficos, mes-
mo: jornais, livros, memorandums,
papel timbrado e envelopes, etc.

Impressões a cores

Tambem se recebem encomendas
fornecendo o freguez o papel

Atendem-se quaisquer pedidos
que, de toda a parte da provincia
os ex.ºs.ºs. clientes necessitam, os
quase sempre satisfazidos com
a maxima rapidez

Quem tiver esor do diabo de tempo
gosto, deve procurar quem melhor
e mais barato o sirva

Quereis dinheiro

Jogae no

Jogos

Rua do Amparo, 51—LISBOA

Preços concorrentes

Pelo correio mais \$80 para re-
gisto.

Atende todos os pedidos da
provincia.

Sempre sortos grandes

Estudantes

Recem-se a fundantes e co-
mensaes. Alugam-se quartos a
preços sem competencias.

Dirigir á Rua Baptista Lopes
n.º 71 FARO

AFRICAS PORTUGUESAS

Manuel Guerreiro Matias
representante das Compa-
nias Nacional e Colo-
nial de Navegação, en-
carrega-se de passagens em
todas as classes e docu-
mentações para as nossas
Colonias.

Rua Capelães n.º 55

Quarto Mobilado

Aluga-se na rua Antonio
Cabeira n.º 10—FARO

Cimento LIS

Cimento branco LAFARGE para imitação
da pedra de cantaria

Agente e revendedor

Empresa Fabril do Algarve, L. da

— FARO —

Recebem-se

Recebem-se

Recebem-se alunos ou alunas Alunos ou alunas em casa de
do liceu. Bom tratamento. Ave- pes da seria.
nida da Republica 72—FARO Rua Capitão-Mór n.º 5—FARO

A Prestiços Semanaes

Se adquirim as celebres

COMPANHIA FABRIL SINGER

Concessionário em Porto

ADO. K & COMPANHIA

Rua D. Francisco Gomes, 38

— FARO —

Sociedade PORTUGUEZA de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital Realizado

Esc. 2.000.000\$00

Fundos de Reservas

Esc. 1.777.000\$00



FUNDADA EM 1900

Séde na sua propriedade—Rua da Madalena, 36

SEGUROS

INCENDIO

Raio e Explosão

MARITIMOS

Avaria grossa e Particular

QUEBRA DE VIDROS

Vitrinas, Espelhos e Cristais

AGRICOLAS

LUCROS CESSANTES

RENDAS DE CASAS

Em caso de Incendio

VIDA

Todas as modalidades

ACIDENTES

SEGURAE OS VOSSOS

PRÉDIOS

FABRICAS

ESTABELECIMENTOS

MOVEIS

Assegurae o futuro dos seus ou a sua
velhice, fazendo um seguro de

VIDA

nesta Sociedade que lhe oferece todas as

GARANTIAS

Segurae a vida dos vossos

Operarios, contra os

desastres no trabalho

Agente Geral no Algarve

Anibal Martins Caiado

CASA BANCARIA

SEDE EM FARO

Telefona 160

Telegra. as CAIADOS